



22

EDITORIAL

DENTRO DE DIAS ESTAREMOS A COMEMORAR A ENTRADA EM 2010 E NO ANO EUROPEU DA LUTA CONTRA A FOME E EXCLUSÃO SOCIAL. † A UNIÃO EUROPEIA E OS SEUS ESTADOS MEMBROS ESTARÃO EMPENHADOS NA RESOLUÇÃO DESTES PROBLEMAS, QUE SE MANIFESTAM DAS MAIS DIVERSAS FORMAS. † É TALVEZ IMPORTANTE APROVEITAR ESTE DESÍGNIO E REFLECTIR (JÁ QUE ESTÁ INSTITUÍDO QUE ESTA ÉPOCA A TAL SE PRESTA) SOBRE O PAPEL E RESPONSABILIDADE SOCIAL DA ARTE ENQUANTO FACTOR DE INCLUSÃO. † E PORQUE A ARTE TEM O PODER DE ATRAVESSAR, POTENCIAR E INTERAGIR COM DIVERSAS ÁREAS DA SOCIEDADE, HÁ QUE AVANÇAR PARA OS CAMINHOS QUE ESTÃO HOJE INEXPLORADOS. HENRIQUE CAYATTE, PRESIDENTE DO CENTRO PORTUGUÊS DE DESIGN, COM QUEM CONVERSÁMOS NESTA EDIÇÃO, CHAMOU A ATENÇÃO PARA O FACTO DE “NÃO TERMOS MUITOS DESIGNERS EM PORTUGAL A TRABALHAR A ÁREA DA SAÚDE, NUMA ALTURA EM QUE ESTAMOS NA ERA DO HOMEM BIÓNICO.” † A SAÚDE É APENAS UMA DAS MUITAS ÁREAS QUE BENEFICIARIAM DA INTERLIGAÇÃO COM A CRIATIVIDADE, GERANDO MAIS-VALIAS PARA AMBOS OS INTERVENIENTES. † SE É CERTO QUE A VIDA E A ARTE NÃO VIVEM DESLIGADAS, É IMPORTANTE APROVEITAR O NOVO ANO PARA FOMENTAR O PAPEL TRANSFORMADOR E INTERVENTIVO DAS ARTES NO TECIDO SOCIAL. † DA NOSSA PARTE, FAREMOS POR DESEMPENHAR O MELHOR POSSÍVEL ESSE PAPEL.

EFEMÉRIDE

BOLETIM CULTURAL

A Ô - N T A S B A O V O N O I O E N O - R E
E H R Y N - H E N R I Q U E C A Y A T T E
X G I A I C I A N C N E T R R A L Ô A U O -
A O C H E B A N B O H E E R J D H A E O F C
J E A N - F R A N Ç O I S C H O U G N E T
T G R D V T R A A I A L E P A N Q - E R Ç
N S D A I G E C P N D T H A A G T I S Ç A B
E Ô O F N N Q N I U A R G E N I O H O N P C
B C O T R E B P N L E O N R - N A D A -
H X J J C Ç B H A J B C E D R Ç I A K O I A
H R A E V B L P L I A R C I O T O T A I I I
A S C Ô E R A C A F C J T E H E O J I Y A C
A O I V I Y N I R J A A S - Z N L N H U U F
O B N - A A E T C I L U J O U E L I A A S U
R A T T A R Ç N R A H H J H A R E F N D G X
B C O O A R E R C Ô Ô T P I H G I P S T - U
A - B U T C I B I S A B E L B R I S O N T
U N C O C U T I T N I I S A O C N O A A V
J I U N N R I I E N F Q O G H I T E A C Y T
A R N V C C S U B D L D N A N Y O R C A - J
Q T D Y L V I A Y C I S I S S T C N H U W S
R C A B E V A A Y C B J I A A O L C - F A G

À CONVERSA COM...

H E N R I Q U E C A Y A T T E

DESIGN: HOJE E AMANHÃ

SERIA DIFÍCIL CONCEBER UMA PEÇA DE DESIGN ONDE SE PUDESSEM ARRECADAR TODOS OS PRÉMIOS E GALARDÕES QUE JÁ FORAM ATRIBUÍDOS AO LONGO DOS TRINTA ANOS DE CARREIRA DO DESIGNER HENRIQUE CAYATTE, PRESIDENTE DO CENTRO PORTUGUÊS DE DESIGN (CPD) E UMA REFERÊNCIA NESTA ÁREA. EM CAMPO DE OURIQUE, NO SEU ATELIÊ FUNDADO HÁ VINTE ANOS, FALA-NOS COM ORGULHO DO SEU PERCURSO E DAS SUAS PREOCUPAÇÕES, ASSIM COMO DO ESTADO DO DESIGN PORTUGUÊS E DE UMA NOVA GERAÇÃO DE DESIGNERS.

CATARINA DA PONTE: Há dez anos ganhou o primeiro Prémio Nacional de Design, e em 2007 o Prémio Carreira, entre muitos outros. O que significam estes prémios para si?

HENRIQUE CAYATTE: Todos os prémios que me foram atribuídos são para mim sinónimo de responsabilidade. Não posso, seja como designer ou como ilustrador, baixar a guarda em termos de exigência, tanto no plano ético como naquilo que considero os meus standards de exigência, precisamente porque há uma carreira profissional de trinta anos que, felizmente, foi tendo prémios de entidades ou pessoas que acompanharam o meu trabalho. Como defendo que o meu trabalho é um trabalho de equipa, lembro-me perfeitamente do discurso que fiz no Porto quando recebi o Prémio de Carreira, em que disse que o prémio era injusto. Não por falta de modéstia, mas já que me queriam dar esse prémio que dessem ao meu ateliê, porque isto é uma grande equipa cá dentro! Temos um ambiente de trabalho único e há muitas coisas que não conseguiria ter feito se não tivesse uma equipa a dialogar comigo e com os meus próprios erros. Sou filho de arquitecto e aprendi que em projectos convém ter uma equipa. Se me fosse pedido para sintetizar alguns tópicos da minha vida, um deles era, garantidamente, a enorme felicidade de ter uma equipa como esta neste sítio.

C.P.: Qual o denominador comum da multidisciplinaridade que o caracteriza - concepção de sinalética urbana, design de exposição, design editorial e ilustração?

H.C.: Esta multidisciplinaridade começa nas artes plásticas: utilização

do papel, das tintas, dos pincéis, enfim, das mãos. Ainda não tínhamos computador em cena, felizmente, porque isso me obrigou a aprender uma série de coisas que posteriormente me ajudaram a perceber como é que, por exemplo, uma cor se constrói. Por outro lado, a minha mãe é licenciada em História e o meu pai era arquitecto, ou seja, cresci rodeado de livros. Sempre tive uma enorme curiosidade intelectual. Passei de aluno de artes plásticas para trabalho de ilustração, para maquetagem, daí para ilustração de livros escolares, depois para as capas dos livros. Rapidamente percebi que não queria viver das artes plásticas. As capas de livros deram origem à direcção de design de editoras, que, por sua vez, ocasionaram o convite para integrar o corpo de colaboradores permanentes do Expresso – não como designer mas como ilustrador – o que levou, por fim, ao nascimento do Público. Em Janeiro [1990], este diário arranca e simbolicamente constituiu o meu ateliê. Vai fazer vinte anos, já levava, então, dez de experiência. Quando abandonei o dia-a-dia do Público, apesar de ter mantido uma relação até ao ano 2000, apercebo-me de que tinha uma avalanche de trabalho. O meu caminho foi, pois, uma sucessão natural de acontecimentos, e em todas estas áreas tive de estudar muito e incorporar muitas das coisas que tinha aprendido nos diversos patamares da vida.

C.P.: Considera que actualmente estamos num momento de reflexão do Design, enquanto disciplina?

H.C.: Sim, sempre a trabalhar, não podemos parar. Mas temos que ganhar algum fôlego para pensar, ler, reflectir discutir, debater. É fundamental.

C.P.: Vê em festivais como o OFFF e em bienais como a Experimenta Design (EXD) dois bons exemplos de divulgação e discussão de Design?

H.C.: O OFFF, a EXD e outras iniciativas como a Portugal Brands são iniciativas que devem ser apoiadas. Somos um país pequeno, não nos podemos dar ao luxo de deitar borda fora estas iniciativas. Venham mais!

C.P.: Qual a análise que faz da Experimenta Design 09?

H.C.: A minha dúvida na Experimenta Design é se não se deveria chamar apenas “Experimenta” em vez de “Experimenta Design”. Dando uma volta pelas exposições que aí estão, vejo que temos peças acerca das quais adoraria participar num debate sobre se podem ou não ser consideradas design. A partir do momento que o nome da própria iniciativa se chama “Experimenta Design” poderá estar-se a criar um equívoco no espectador. O problema é apenas a pedagogia. Depois, fiquei muito preocupado com um caso de censura que aconteceu este ano, porque coloca em cima da mesa a questão: até que ponto as iniciativas são independentes do seu patrocinador? Como presidente do Centro Português de Design vi com muita preocupação esta situação. Todavia, a Experimenta Design é hoje uma marca da cidade de Lisboa e deve ser acarinhada. As coisas devem estar em permanente revolução, se não estagnam. Acho que a Experimenta Design deste ano fez um enorme esforço de disseminação.

C.P.: Considera que o Design Nacional já faz parte do tecido dos fóruns internacionais?

>>>

H.C.: Relativamente à internacionalização dos designers portugueses tenho as minhas dúvidas. Quando falamos da Portugal Brands acho que tem força na internacionalização. A Experimenta nem por isso. Aliás, eu não vejo muitos portugueses na exposição da Experimenta, vejo alguns. Mas há muitas iniciativas por este país fora. Nós hoje estamos a sofrer uma overdose, há mais de quarenta escolas a darem Design em Portugal: a nível técnico profissional, superior público e privado e politécnico. Não há mercado para isto. Apesar do mercado do Design ter alargado, o número de pessoas que saem formadas alargou mais que o mercado. Na minha e nas gerações anteriores (eu pertencço à 3ª geração de designers) o problema era as pessoas afirmarem um discurso. Sobre esse ponto de vista, acho que a internacionalização dos designers portugueses e do design tem que se fazer. Nós no Centro Português de Design temos contribuído para isso. Pusemos jovens designers portugueses a expor em Milão, Londres, Barcelona, etc. A EXD também já levou alguns designers fora.

C.P.: Como docente nesta área e uma referência no design português, com que olhos vê a nova geração de futuros designers? Que conselhos lhes pode deixar?



Foto: Tiago Pinto

>>>

H.C.: Eu posso dar a minha opinião, mas não dou conse-lhos. Primeiro, perceber que o design, de facto, não é de e para países ricos (também é, mas não só). Segundo, que há um campo imenso que o design tem de explorar enquanto disciplina social: contribuir para a erradicação de doenças, através de campanhas bem-feitas de divulgação (que não é o caso da Gripe A, por exemplo). Nós não temos muitos designers em Portugal a trabalhar a área da saúde – numa altura em que estamos na era do homem biónico (“desenroscamos” um fígado e substituímos por outro)! Temos muito poucos designers a trabalhar nessa frente, na parte pura e dura de ajudar pessoas. Terceiro, é necessário uma intervenção muito grande dos designers em tudo o que se prende com a pobreza absoluta, a busca e a conservação de água e a habitação. Depois é necessário reflectir muito do ponto de vista teórico, olhar para

o momento que estamos a viver. Há também o lado das acessibilidades, o espaço público e privado para cidadãos portadores de deficiências. Para além de tudo isto, há um perigo à vista, entre outros, que são os chineses: já perceberam que não podem continuar a copiar, portanto estão a fazer sair agora os primeiros 200.000 designers, no segundo ano 300.000...Por isso, vamos ter um cenário de designers muito rarefeito. Portanto penso que a nova geração de designers se deverá voltar para as pequenas séries, olhar para a Arts&Crafts e sobretudo estudar muito.



ARTISTA PLÁSTICO

R I C A R D O J A C I N T O

A VIZINHANÇA COMO UM PROCESSO, "LES VOISINS" EM DVD

O artista plástico Ricardo Jacinto (n.1975, Lisboa) vai lançar um DVD, no Museu Coleção Berardo, em Lisboa, no dia 11 de Dezembro. Próximo do formato de documentário, o DVD reúne vários momentos em vídeo e áudio referentes às apresentações anteriores do projecto "Les Voisins" – no Centro Cultural da Gulbenkian, em Paris, em 2006; na Culturgest do Porto, em 2008; e na Ermida Nossa Senhora da Conceição, em Belém, em 2009. O novo formato autoral, de fácil aquisição, reúne material das apresentações passadas, e tem sabor a conclusão. A pretexto do seu lançamento, revisitamos a obra de Ricardo Jacinto, conversando no ateliê que mantém no centro da Parede, e percebendo quem são estes e os outros "vizinhos".

"O material deste novo formato não pretende ser documental, mas uma obra autónoma", conta Ricardo, ao abrigo de olhares indiscretos, na casa que lhe serve de local de trabalho. O ambiente calmo e pouco desarrumado não dá conta da quantidade de pessoas que por ali se cruzam. Há um carácter de colectivo, de grupo, que está presente, não só em "Les Voisins", como em todo o trabalho de Ricardo Jacinto. Uns são amigos, como Nuno Ribeiro, que conhece desde o Secundário, e com quem colabora regularmente, outros são participantes temporários, como foi o caso de uma compositora japonesa, na performance que levou a cabo na Ermida de Belém. As contribuições exteriores fazem parte de uma metodologia que foi criando: "apesar de planear bastante minuciosamente os projectos, gosto de incluir coisas que não estavam previstas e que surgem durante o processo, é o meu

modus operandi".

A diversidade nas relações humanas deriva, em grande parte, da multidisciplinaridade que caracteriza as suas instalações, verdadeiros dispositivos de imagem e som, as suas performances, ou os seus concertos, ricos também em jogos visuais, nomeadamente através de espelhos e vidros. Esta interligação entre imagem e som, que derruba o primado das artes ditas "visuais", assenta nos vários

que me entusiasmava muito, mas não houve nenhum momento decisivo, foi acontecendo, fui conjugando os interesses".

Após umas temporadas em Nova Iorque e Paris, a seguir à licenciatura, Ricardo Jacinto juntou-se a alguns amigos e montou este ateliê – "era uma pequena comunidade na qual, não só se produzia mutuamente, como respondia a pedidos de fora", relembra. Depois disso, separaram acampamento mas continuaram a colaborar – "acho que beneficiamos muito do contacto interpessoal, nunca reclamo uma autoria plena, as artes plásticas sofrem um pouco dessa individualidade crónica, uma ideia muito romântica; quando se sabe partilhar e colaborar, ganha-se espaço e liberdade individual".

Esse diálogo permanente entre pares traduz-se, também, nas suas obras que, longe de afastarem o público incauto, o apelam na curiosidade de experimentar ou de participar de um acto comum, que Delfim Sardo caracterizou como um "permanente teste". Atento ao que este possa sentir, o artista gera esse contacto através das obras: "a partir do momento em que uma coisa é pública, o

domínio da política junta-se ao da estética, há maneiras mais ou menos engajadas de o fazer, as pessoas que vêm o meu trabalho também estão a imaginar outras coisas, que não quero controlar; até os meus trabalhos conversam entre si". Mais do que vizinhos, desta vez os interessados em partilhar a experiência são convidados a levar a obra para sua própria casa.

● MARGARIDA ROCHA DE OLIVEIRA



Vista de "Les Voisins" na Ermida, Lisboa
Foto: Tiago Pinto

interesses que Ricardo Jacinto explora. Já interessado pela música e a aprender Jazz na escola do Hot Club de Portugal, o artista licenciou-se em Arquitectura. Ao mesmo tempo, frequentou escultura no Ar.co, onde acabou por ter mais liberdade para reunir os seus vários interesses, construindo um caminho experimental – "no final do tempo do Ar.co, quando começaram a surgir as instalações, tive a suspeição de que estava a fazer algo

JOALHARIA CONTEMPORÂNEA

P I N

HÁ CINCO ANOS NA LAPELA DA JOALHARIA

Quando a PIN – Associação Portuguesa de Joalheria Contemporânea foi criada pelas três sócias fundadoras, Cristina Filipe, Marília Maria Mira e Paula Paour, o panorama da joalheria contemporânea nacional era diferente do que se vive hoje.

A comemorar o 5º aniversário, com um calendário de eventos que se estende até Fevereiro de 2010, a PIN tem sido o principal propulsor desta disciplina que, com uns curtos 40 anos de história, ainda enfrenta diversos obstáculos. “Foi nos anos 60 que se começou a desenvolver um trabalho de expressão plástica mais alargado na joalheria”, refere Cristina Filipe, presidente da associação, o que poderá dificultar ainda o enquadramento da joalheria contemporânea nas artes plásticas.

A criação de uma estrutura que permitisse aos artistas joalheiros contemporâneos (ou designers de jóias - a nomenclatura gera controvérsia) imporem-se fora do

seu círculo, assim como a divulgação de informação e da cultura joalheira, foram alguns dos intentos na génese da PIN. Passados cinco anos, o saldo é positivo. Com cerca de 140 associados, a PIN é uma estrutura que “personalizou um trabalho de muitos autores e representa perante a sociedade um grupo de trabalho”, no qual não há uma linha a seguir, apenas a segurança e incentivo favoráveis à criação.

A primeira prova de fogo, e um dos motivos do seu aparecimento, foi a organização do simpósio “Ars Ornata Europeana”, em 2005, que encetou o caminho da exposição de criações nacionais no estrangeiro e vice-versa.

Os projectos com outros países ou com outras disciplinas artísticas, impulsionados pela PIN, têm atraído novos públicos e dado a visibilidade que faltava a esta área, apesar de ser um processo gradual. Esta demarcação de um território para a joalheria contemporânea tem

permitido o reconhecimento e a obtenção de apoios institucionais, que até então eram de difícil acesso aos autores que se apresentavam individualmente. O convite da AICEP (Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal) para que, em 2005, artistas joalheiros estivessem presentes na Design+, em Londres, é prova disso.

O próximo passo, para Cristina Filipe, passa por se conseguir introduzir a joalheria contemporânea nas colecções de arte. “Se os museus começarem a criar colecções de joalheria contemporânea isso motiva, é uma chancela de garantia” que poderá formar um mercado, público e privado, ainda inexistente. O estigma de o preço da peça não corresponder ao valor do material de que é feita, uma visão tradicional que negligencia o valor artístico do objecto, continua a fazer sombra a esta arte.

● CATARINA CRUZ



CRISTINA FILIPE
“Coisa, para se usar presa à roupa” 1991
Ferro, dimensões: 4 x 4 cm

COLECCIONADOR

J E A N - F R A N Ç O I S
C H O U G N E T

DIRECTOR ARTÍSTICO DO MUSEU COLECÇÃO BERARDO

CATARINA DA PONTE: Antes de aceitar o desafio de ser director artístico do Museu Colecção Berardo já conhecia parte da colecção, sobretudo o núcleo surrealista. Quais eram as suas expectativas em relação aos restantes núcleos?

JEAN-FRANÇOIS CHOUGNET: Já conhecia de facto o núcleo surrealista, através de uma exposição que comissariei com Nadine Lehni no Centro Cultural do Banco do Brasil em 2001, no Rio de Janeiro. É uma parte importante, muito original: o Surrealismo está muito concentrado nas grandes colecções surrealistas francesas, espanholas e norte-americanas. Uma das outras grandes especificidades da colecção é a Arte Pop que felizmente não é limitada ao Pop americano: o chamado “Euro Pop” está bem representado, com o nascimento da arte Pop na Inglaterra,

>>>

os “Nouveaux realistes” franceses e algumas curiosidades italianas... Mas a colecção tem outras surpresas: um excelente acervo do Hiper-realismo, uma boa representação da fotografia germânica dos anos 80, um núcleo reduzido mas de grande qualidade do Construtivismo. Cada vez mais fico encantado com as selecções feitas nos anos noventa pelo Comendador Berardo e por Francisco Capelo.

C.P.: Quais são para si os pontos fracos e fortes da Colecção Berardo?

J.C.: Os pontos fortes residem numa capacidade de apresentar núcleos homogéneos e coerentes. Os pontos fracos são obviamente a ausência de algumas das grandes figuras do século XX: Matisse e Giacometti, por exemplo, mas comprar um bom Matisse nos anos noventa já era utópico!

>>>

C.P.: Qual a sua obra preferida da colecção?

J.C.: Normalmente, um director deveria responder: eu gosto de todas... Mas, recentemente, tive a oportunidade de trabalhar novamente sobre o Francis Bacon “Oedipus and Sphinx after Ingres” (1983) para preparar a confrontação única com o “original” de Ingres (patente no Museu até 10 de Janeiro de 2010) e fiquei apaixonado! É a minha favorita de momento...



Ilustração: Pedro Palrão

O PECADO MORA AO LADO

B A C A L H Ô A

VINHO DA BACALHÔA - ARTE, VINHO E PAIXÃO

Na Bacalhôa Vinhos de Portugal, a arte de fazer vinho é fruto de uma experiência e tradição que remonta a 1922. Apesar de o nome só ter sido adoptado em 2005, cinco anos após a aquisição do Palácio e Quinta da Bacalhôa, a experiência que esta empresa adquiriu ao longo de décadas confere-lhe o prestígio de que goza nos dias de hoje.

Mais do que dedicar-se à vitivinicultura, a Bacalhôa sempre fez a apologia de uma cultura do vinho, sintetizada no seu mote “arte, vinho e paixão”.

Vasco Penha Garcia, enólogo da empresa, revela que “desde os anos 60 a Bacalhôa tem aliado muito a produção do vinho à arte”. Esta ligação começa no

património do grupo, detentor de várias propriedades históricas como o solar quinhentista Quinta dos Loridos ou o Palácio e Quinta da Bacalhôa, marco da época do Renascimento em Portugal e a “coqueluche” da empresa.

A sede da Bacalhôa, em Vila Nogueira de Azeitão, a escassos quilómetros do Palácio e Quinta da Bacalhôa, revela a fusão entre tradição e modernidade que está embutida na cultura do grupo. É na sede que a maioria das exposições se realiza, tendo já sido exibidos nomes como Picasso e Miró. Pintura e escultura costumam ocupar o espaço de exposição da empresa, que mostra em perma-nência escultura oriental.

A colecção de azulejos do Palácio e Quinta, também em exposição permanente, percorre a azulejaria portuguesa do século XVI ao século XX e é um dos exemplos primordiais da ligação que tem às artes.

Entre o Palácio e a Quinta, estendem-se mil hectares de vinha que dão origem ao já conhecido tinto e branco Quinta da Bacalhôa. Quando o ano é de colheita superior, além da Quinta lançam o Palácio da Bacalhôa, um mimo exclusivo para palatos exigentes. Este ano, segundo Penha Garcia, tudo indica que haverá Palácio da Bacalhôa: “é um ano excepcional”.

● CATARINA CRUZ



SUGESTÕES

ARTES PLÁSTICAS

“VIDAS DUPLAS” EDUARDO NERY

Nery (n. 1938, Figueira da Foz) apresenta “Vidas duplas”, um conjunto de montagens fotográficas a preto e branco, a partir de uma técnica própria, longínqua do programa Photoshop, criada em 1980. Subjacente a este processo, está a vontade de criar uma poética de diálogo entre “memórias ancestrais e imagens prosaicas do dia-a-dia”, refere o artista na sinopse da exposição, lembrando que estas obras são herdeiras de uma atitude crítica iniciada nos trabalhos de 1975 e 1976 (alguns deles apresentados no Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, na exposição “Anos 70”) e que se estende até hoje numa abordagem de uma riqueza mais simbólica. De 13 Fevereiro a 14 a Março 2010, Ermida Nossa Senhora da Conceição, Travessa do Marta Pinto, Lisboa

ARTES PLÁSTICAS

“PAISAGENS PARALELAS” SUZANNE THEMLITZ

Inserida na série de projectos intitulada “Paisagens Paralelas”, Suzanne Themlitz (n. Lisboa, 1968) apresenta a instalação “Silêncio (ou: 5 elementos em bronze provavelmente desprendidos de um desenho a grafite e óleo, ainda a realizar)”. Como que extraídas das obras bidimensionais que a artista apresentou em exposições individuais, em 2009, na Agência Vera Cortês (Lisboa) e na galeria MCO Arte Contemporânea (Porto), cinco esculturas em bronze e alumínio ganham uma forma autónoma. Um estranho mergulhador, uma cana, uma grelha de sardinhas, uma nuvem e uma caixa suspensa definem um tipo de ambiente ambíguo a que o trabalho da artista nos tem familiarizado. De

9 Janeiro a 7 de Fevereiro de 2010, Ermida Nossa Senhora da Conceição, Travessa do Marta Pinto, Lisboa

DESIGN E JOALHARIA

“ART DÉCO, 1925”

Museu Calouste Gulbenkian
Uma oportunidade única para ver a Exposição Internacional das Artes Decorativas e Industriais Modernas que deslumbrou Paris, em 1925, através de uma rica colecção de obras Art Déco, a tendência da década de 1920. Em peças de joalheria da Chaumet ou da Van Cleef and Arpels, nos vidros Baccarat ou Lalique, ou ainda nas pinturas de LeCorbusier ou Léger, é possível sentir o “confronto entre um modernismo moderado e uma vertente de cariz mais revolucionário” que, segundo as comissárias Chantal Bizot e Dany Sautot, marcaram uma dualidade nas artes decorativas até à Segunda Guerra Mundial. Até 3 de Janeiro de 2010, de terça-feira a domingo das 10 às 18h, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

VINHOS

VINI PORTUGAL SALA OGIVAL

Em Lisboa e no Porto, é possível degustar gratuitamente vinho português nas Salas Ogivais de Lisboa (Terreiro do Paço) e do Porto (Palácio da Bolsa). Durante a prova, é possível fazer a sua própria análise sensorial e votar na melhor imagem das garrafas em exposição. As regiões mudam a cada três semanas. O ambiente descontraído e a experiência formativa são proporcionados pela ViniPortugal, uma associação interprofissional, criada em 1997, com o objectivo de promover vinhos, aguardentes e vinagres portugueses. Estes

produtos estão também disponíveis para venda em ambos os espaços. Se começar a tomar-lhe o gosto, pode informar-se acerca dos muitos workshops que ali acontecem. De terça a sábado, das 11h às 19h, Terreiro do Paço, Lisboa e no piso térreo do Palácio da Bolsa.

REVISTAS

A crise foi o mote de duas revistas portuguesas que optaram por alusivos tamanhos de bolso, mais económicos para quem as adquire. A revista Egoísta, verdadeiro objecto de colecção, dedicou-se à «Crise de Bolso» e vestiu-se para o tema, envergando o tamanho do famoso caderninho Moleskine. No interior, textos do Presidente da República, Cavaco Silva, de Yunus, Prémio Nobel da Economia, do sociólogo António Barreto, um ensaio do Professor Eduardo Lourenço ou um toque de humor por Nuno Artur Silva, das Produções Fictícias. Se a Egoísta já é conhecida pela mudança, a revista 365, dirigida por Fernando Alvim, optou pela primeira vez por mudar o seu aspecto, saindo desta vez em papel de jornal com um preço de capa de 2 euros. As fotografias no interior tiram partido do preto e branco para contar histórias fantásticas em imagens. Disponível nas bancas especializadas de todo o país

REVISTAS

TIME OUT

Sempre atenta aos movimentos da capital, a Time Out prepara semanalmente as melhores sugestões sobre “Arte”; “Comer&Beber”; “Compras”; “Em forma”; “Film”; “Gay”; “Livros”; “Miúdos”; “Música”; “Na cidade”; “Noite” e “Palco”. É sempre um bom guia de sugestões, consulte, saia de casa e viva a cidade.

FICHA TÉCNICA

DIRECÇÃO

Eduardo Fernandes

COORDENAÇÃO

Fábia Fernandes
ermida@ermidabelem.com

EDITORIA

Catarina da Ponte
efemeride@ermidabelem.com

REDACÇÃO

Catarina da Ponte, Catarina Cruz,
Margarida Rocha de Oliveira

REVISÃO

Ricardo Cabaça

PROJECTO GRÁFICO

-nada-
www.designbynada.com

FOTOGRAFIA

Tiago Pinto
www.tiago-photos.com

PUBLICIDADE

Fábia Fernandes
(+351) 213 637 700

CAPETAZ

ISABEL BRISON

IMPRESSÃO

Louresgráfica

PAPEL

Renovaprinte 80gr e Inasset Plus Offset 100gr

TIPOS DE LETRA

Efemeride Stencil, Melior, Futura

PROPRIEDADE

Mercador do Tempo, Lda

DISTRIBUIÇÃO

Gratuita

PERIODICIDADE

Trimestral

TIRAGEM

12.500

ISSN

1647-3418

DEPÓSITO LEGAL

298615/09

PROJECTO

TRAVESSA DA ERMIDA

Travesa do Marta Pinto, Belém
www.ermidabelem.com



ALEXANDRA CORTREAL
OS BONS DE ZALGADA

APOIOS



Publicação com o reconhecimento do Ministério da Cultura

